

ENCRUZILHADAS EPISTÊMICAS: INTERSECCIONALIDADES EM DEBATE I

EPISTEMIC CROSSROADS: INTERSECCIONALITIES UNDER DEBATE I
ENCRUCIJADAS EPISTÉMICAS: INTERSECCIONALIDADES EN DEBATE I

Jorge Luiz Alves da Silva¹
Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto²

Como, então, cuidar dos processos destrutivos, sem pará-los em nome dos ideais de liberdade progresso, moralidade, normalidade e civilização que constituem a base do texto colonial?

Como cuidar dos processos destrutivos que destituem o humano de seu pódio, como condição para desmontar o racial como descritor hierárquico? Como criar as condições para uma destruição sempre mais consistente dos mecanismos que dão peso e densidade ao fundamentalismo cisgênero, com sua máquina patológica a capturar e reinscrever tudo que escapa à norma como condição emergencial do normal?

Jota Mombaça, 2021, p.532.

É a partir das palavras da terrorista epistêmica Jota Mombaça que nos inspiramos a propor o primeiro dossiê desta revista. As perguntas lançadas pela intelectual e artista nos fomentam a reorganização de ideias e práticas que viabilizem uma parada, um projeto “Para uma greve ontológica”. Ainda que estejamos muito longe de respostas provisórias, dois volumes das

.....

1. Mestranda em História Global pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em História pela Universidade Federal de Goiás. É cofundadora do ANÔMALOS – Grupo de pesquisas e estudos em gênero, sexualidades, classe e etnicidades/raça vinculado à Universidade Federal de Catalão. É membra do IEG/UFSC – Instituto de Estudos de Gênero. Atualmente a pesquisadora tem se aprofundado nos debates em torno da Teoria *queer*, aplicativos de pegação, homonormatividades, História Global e *queer*marxismo. E-mail: jorgeluzdasilvaalves@gmail.com
2. Doutorando em História Global pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. É cofundador do ANÔMALOS – Grupo de pesquisas e estudos em gênero, sexualidades, classe e etnicidades/raça vinculado à Universidade Federal de Catalão. Atualmente realiza pesquisa sobre movimentos homossexuais de primeira onda na América Latina e a formação da nova homonormatividade. rhaniellypereira@hotmail.com

Encruzilhadas Epistêmicas de uma renovada capacidade de produzir mais perguntas para que o incômodo seja uma condição contínua para a destruição da ficção política na qual estamos imersas.

Como podemos medir a potência dos saberes produzidos à margem? É possível quebrar a hierarquia de velhas estruturas que se caracterizam em torno de um discurso que se pretende “verdadeiro”, único e totalizante? As respostas para tais perguntas continuam a ser formuladas. Aqui, a radicalização da produção do conhecimento se dá na medida em que o encontro entre o ser e o transformar codificam as sujeitas que experimentam e condicionam o seu existir mediante aos jogos de poder que ora quebram seus corpos, ora voltam à produção arquitetônica de fissuras que viabilizam o desordenar das estruturas que disciplinam e docilizam o corpo.

É na quebrada que este pensamento deseja se localizar. Organizar um primeiro dossiê para Revista Anômalas é ao mesmo tempo encaminhar e ampliar uma conta inversamente proporcional que se alimenta do debate teórico das interseccionalidades e da posição decolonial. Posição essa que nos situa como investigadoras tomadas pelo fracasso. Aqui, o fracasso é o ponto inicial porque para bichas pobres, racializadas, não homonormativa e inseridas no centro-oeste, a produção intelectual é vista como uma guerra.

De certo modo, a produção intelectual é como um alistamento, a partir de nossas condições materiais e psicológicas, são obrigatórias. Embora o debate sobre a interseccionalidade seja recente no Brasil, a partir do uso da categoria dentro das humanidades tal qual propôs Kimberlé Crenshaw, a ação e o pensamento interseccional datam em nosso território nacional desde o fim dos anos 1970. O pensamento feminista negro brasileiro é, sem sombra de dúvidas, basilar e estruturante das chaves que nos apropriamos a partir do chamamento da encruzilhada.

Se declaramos uma guerra visível ao sistema de produção de saber, nos munimos da Anômalas e de outros espaços como um processo de instrumentalização para a guerra contra a colonialidade do saber. Ainda que saibamos que “a redistribuição da violência não é capaz de parar a máquina mortífera que são as políticas, as masculinidades tóxicas e todas as ficções de poder” (MOMBAÇA, 2021, p.759), nos organizamos em resistência potente para que, no limite, as vozes de nossas irmãs não se percam engavetadas no conluio da ciência branca, “objetiva” e heterossexual.

Nos artigos deste dossiê é nosso desejo incorporar as distintas percepções da interseccionalidade como uma guisa teórica, mas também como um padrão

do fazer metodológico dentro das humanidades. Um pouco mais além da percepção de marcadores da diferença e, talvez, mais próximo as percepções das existências das sujeitas como a consequência da falha cartesiana, este dossiê traz uma gama de temas que são explorados e questionados pela inquietude gestada do corpo e pensamento que se desdobra em forma de dança e se constitui na encruzilhada das ciências humanas.

Compreendendo que as percepções a partir dos jogos propostos pelas interseccionalidades são muitos e multifacetados. Este dossiê é dividido em dois números. Nosso objetivo aqui é instrumentalizar o debate a partir de ricas contribuições que não só viabilizam o poder da encruzilhada como também tornam visíveis os processos constituídos por diferentes opressões.

No primeiro volume deste dossiê, Andreza de Oliveira propõe uma ação decolonial a partir de sua escrita da história. No texto *Anomalias deocloniais ou como não ser colonizadora na pesquisa* a autora escreve e inscreve um compromisso com a construção da produção de um saber acadêmico que permite desatar os nós da relação entre colonialidades e gênero. A partir de relatos sobre o seu cotidiano de pesquisa a autora traz debates e contribuições que estão sendo cada vez mais observados como um elemento indiscutíveis a prática historiográfica.

Já no segundo texto, *Intersecções e vulnerabilidades: travestis e homossexuais nas páginas do jornal Diário da Borborema (1980-1981)*, Bruno Silva de Oliveira e Manuela Aguiar Damião de Araújo nos apresentam um mergulho no cotidiano de travestis e homossexuais a partir das páginas do Diário da Borborema um jornal publicado em Campina Grande desde 1957. O objetivo do texto é demonstrar a partir deste texto é demonstrar como a abordagem interseccional possibilita conectar as distintas violências que se encontram nestas vivências em um contexto de “abertura” e de “redemocratização”.

Esta contribuição permite, em específico, ampliar as percepções que escapam ao olhar das experiências e vivências de gênero e sexo dissidências a partir de uma territorialidade que escapa a concentração das cidades do sudeste como São Paulo e Rio de Janeiro. E é a partir de um olhar que desterritorializa a produção dos saberes que Flavia Pereira Machado constrói a sua interpelação.

Em seu texto *Escrita(s) insubmissa(s) da(s) história(s): travessias epistêmicas a partir das narrativas de mulheres às Margens*, Flávia Machado constrói uma análise a partir de um movimento que ao mesmo tempo é parte de sua mobilização teórica-metodológica como também as sujeitas interlocutoras de

sua pesquisa. Partindo de uma reflexão sobre os cânones dos feminismos e destes outros saberes, a autora realiza um deslocamento entre os elementos que recortam a sua percepção teórica sobre os feminismos. Localizando parte das mulheres sem terra em Goiás como mulheres atravessadas por diferentes intersecções, Flávia Machado viabiliza um olhar crítico a teoria feminista.

Já em *Histórias de moças muito “fogosas” e “sabidas”: sexualidades de moças pobres no interior da Bahia (Feria de Santana, 1940-1960)*, Alessandro Cerqueira Bastos e Andréa Rocha Rodrigues Pereira Barbosa descrevem e analisam as dinâmicas das práticas afetivas de homens e mulheres das camadas mais populares da cidade de Feira de Santana. Esta análise se baseia na produção em processos-crime datados a partir da tipologia da sedução. Partindo das diferentes intersecções Bastos e Barbosa viabilizam uma análise sobre as estratégias de respeitabilidades e a sua relação com as questões recortadas pela raça, gênero e classe.

Fechando o nosso primeiro volume, o texto *Apontamentos sobre economia do cuidado, feminismos e mulheres* de Tania Zimmerman, apresenta uma discussão sobre a dinâmica das maternidades e da economia do cuidado a partir das relações entrecruzadas com o capitalismo. Aqui foram mobilizadas as questões de gênero e classe como elementos constitutivos para diferenças na construção de narrativas sobre a reprodução humana e as suas relações com as discussões feministas sobre o cuidado.

Referências

- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Editora Cobogo, 2021.
- KIMBERLÉ CRENSHAW. *On intersectionality: essential writings*. New York: New Press, 2020.